

1

O PASSADO COMO PRÓLOGO

Os prenúncios divinos em muitas formas diárias

Os consoladores nem sempre podem ser honestos. Mas, frequentemente, e quase diariamente, tenho fortes impressões da eternidade. Isso pode ser devido às minhas estranhas experiências, ou à avançada idade. Digo que para mim isto não parece ser algo da idade avançada. Nem me importaria se nada houvesse após a morte. Se fosse para ser apenas como era antes do nascimento, por que deveríamos nos importar? Ali não receberíamos nenhuma informação adicional. Cessaria nossa inquietação animal. Mas eu sentiria falta principalmente dos prenúncios divinos nas suas muitas formas diárias.

SR. ARTUR SAMMLER, ao Dr. Govinda Lal,
em *Mister Sammler's Planet*, de Saul Bellow

“Os prenúncios divinos nas muitas formas diárias”:¹ este poderia ser o subtítulo deste livro. É isso que deseja o Sr. Sammler. Ele, um idoso judeu, refugiado da 2ª Guerra Mundial na Polônia, vive e comenta seu estilo de vida nas ruas de Nova York. Ele não desistiu da imortalidade. Porém, está disposto a viver com aquilo que mais deseja manter: seus “prenúncios divinos nas muitas formas diárias”.

Não estou tão disposto a abrir mão da imortalidade. Eu descanso na esperança da glória, “Cristo em vós”, como disse o apóstolo Paulo. De fato,

¹ Saul Bellow, *Mr. Sammler's Planet* (Nova York: Fawcett World Library, 1970), p. 216.

a presença de Cristo sinalizou esses prenúncios divinos em que o Sr. Sammler tanto se deleitou.

O Sr. Sammler era idoso. Eu também sou. A vida do Sr. Sammler era confusa – muito mais confusa que a minha. Mas a minha tem sido confusa o suficiente. De fato, nenhuma vida humana, mesmo em retrospecto ou *sub species aeternitatis*, parece se manter alinhada. E, por causa disso, sequer faz qualquer apologética efetiva para a fé cristã.

UMA DEFINIÇÃO INICIAL DE APOLOGÉTICA

Iniciarei minha história e a história deste livro com a definição de apologética, ampla e levemente revisada, que abriu meu livro *A Little Primer on Humble Apologetics*:

A apologética cristã apresenta ao atento mundo uma incorporação tão cativante da fé cristã que todo aquele que estiver disposto a observar encontrará um testemunho convincente, intelectual e emocionalmente de sua verdade fundamental.²

Esta noção de apologética serve tanto para crentes quanto para interessados na fé cristã. Então, adicionei isto:

O sucesso de qualquer argumentação apologética não é se ganha convertidos ou se fortalece a fé de um dado crente, mas se é fiel a Jesus. As razões que são dadas, a retórica que a expressa e a vida do apologeta e da comunidade mais ampla da fé devem, pois, demonstrar sua verdade.

Esta definição é bem ampla. Nada fala sobre quais razões contam, nem sobre que tipo de retórica é útil. Neste livro, desejo falar algo sobre ambos. Você não encontrará aqui um catálogo exaustivo de razões apropriadas, nem uma demonstração de princípios retóricos apropriados. Antes, eu me concentro em uma pequena e eclética coleção de ambos.

O COMPLEXO MAPA DA APOLOGÉTICA

Um dos antecedentes para este livro é a história da apologética e sua amplitude desde a argumentação complexa até a percepção direta, desde volumes eruditos elaborados até breves conversas com amigos, desde

² James W. Sire, *A Little Primer on Humble Apologetics* (Downers Grove: InterVarsity, 2006), p. 26.

formas retóricas de autobiografia, romances, poesia, drama e ensaios até blogs, anúncios de rádio e clipes no YouTube. Sou velho, mas ainda me lembro de um breve drama radiofônico do National Council of Churches, transmitido em algum momento da década de 1950 ou de 1960. Eu o apresento de memória no quadro abaixo.

APOLOGÉTICA POPULAR

Um membro de uma igreja próxima bate à porta da casa de um vizinho.

– Boa tarde, senhor – ele diz ao homem que abre a porta. Sou John Buck, da grande igreja no final da rua, a Primeira Igreja da Ressurreição. Gostaria de convidá-lo a se juntar a nós no culto do próximo domingo. Começa às 9h30, e seria ótimo se o senhor pudesse estar conosco.

– Hum... No próximo domingo, você diz? Bem, vou jogar futebol.

– Sem problemas. Nós nos reunimos todos os domingos para cantar e para nos conhecermos melhor. É interessante e às vezes até mesmo divertido, especialmente se você ficar depois do culto para o cafezinho. Que tal no outro domingo? Seria um prazer acompanhar o senhor e sua família e apresentá-los a algumas pessoas muito interessantes.

– Ah, isso também não vai dar. Nossa família está saindo de férias na outra sexta-feira.

– Certamente, eu entendo. E que tal quando vocês voltarem?

– Bem, estarei bem ocupado com a nova campanha de marketing em meu trabalho. Isso envolverá vários finais de semana.

– E depois disso?

– Meu Deus! Eu já posso estar morto a essa altura.

– Exatamente!

Este anúncio, é claro, concentra-se em conseguir audiência para o evangelho; contudo, simples como é, contém uma apologética implícita.

A apologética judaico-cristã é tão antiga quanto Jó e tão nova quanto a última mensagem inteligente no Twitter ou no YouTube. Para o objetivo deste livro, a maior parte da história intermediária pode ser deixada a outros. Porém, um período – os últimos 70 anos, mais ou menos – é altamente relevante ao que estou buscando alcançar agora.

Cresci em uma época em que a maioria das pessoas pensantes colocava sua confiança na razão; não apenas no raciocínio cotidiano do bom senso, mas na razão como um caminho para o conhecimento certo, tanto o conhecimento abstrato da Filosofia e da Teologia quanto

o conhecimento material da Ciência. Li os principais apologetas cristãos que eram populares na época entre os cristãos pensantes. Eles incluem teólogos orientados filosoficamente, como Carl F. H. Henry, Edward John Carnell e Bernard Ramm; filósofos, como Gordon Clark, Gordon Lewis e Arthur Holmes; e críticos literários e escritores, como C. S. Lewis e G. K. Chesterton.

Ao longo do caminho, também li a obra daqueles que eles inspiraram: Norman Geisler, Alvin Plantinga, Nicholas Wolterstorff, William Lane Craig, J. P. Moreland, Ronald Nash, e, depois, Alister McGrath, Lee Strobel e Tim Keller. Como editor da InterVarsity Press, supervisionei a publicação de apologetas fundamentados racionalmente, tais como Douglas Grootius, Clark Pinnock e diversos brilhantes seguidores de Lewis e Chesterton (como Peter Kreeft e Paul Chamberlain). Exceto por Lewis e Chesterton e, em menor grau, a obra de seus seguidores, os apologetas evangélicos da década de 1960 em diante usualmente assumiram as limitações impostas pela aceitação moderna da autonomia da razão humana. Embora soubessem bem que a habilidade humana de raciocínio exige uma fundação mais firme do que o naturalismo inerente a esta suposição, eles desejavam iniciar a partir de uma base comum. A base que escolheram foi a confiança que a modernidade colocava na habilidade da razão em alcançar conclusões verdadeiras.

Seu raciocínio racionalista assumiu diversas formas. Algumas de suas argumentações começavam com princípios que muitas pessoas aceitavam como óbvios em si mesmos, adicionavam outras verdades (princípios e evidências empíricas) e argumentavam com sofisticação em favor da existência de Deus, da divindade de Jesus, da confiabilidade histórica dos relatos narrativos nas Escrituras e a ressurreição de Jesus. Eles lidavam com objeções intelectuais aos seus argumentos e respondiam a questões difíceis procedentes da fé cristã tradicional (o problema do mal, relativismo epistemológico, reivindicações alternativas de outras religiões, desafios da Ciência, etc.). Às vezes, conseguiam virar os desafios ao avesso, argumentando, por exemplo, que os resultados das ciências modernas, como a Física da Astronomia, tornam mais provável a noção de um Criador pessoal do que qualquer explicação alternativa.

Para aqueles em nossa cultura que confiavam na razão humana, essas abordagens apologeticas funcionaram bem. Muitos cristãos as leem hoje e se beneficiam delas. Sem elas, cristãos pensantes teriam bem poucos recursos para analisar os sagazes argumentos e brilhantes estilos de vida

apresentados pela mídia de nossa cultura, por seus especialistas, seus peritos fraudulentos e seus profetas passionais da saúde e riqueza.

Todavia, muitos em nosso mundo pós-moderno passaram, por bem ou por mal, a desconfiar da razão; agora as argumentações dos racionalistas cristãos modernos parecem irrelevantes, duvidosas e sem vida. As abordagens de C. S. Lewis e G. K. Chesterton evitaram esta sina por meio de uma apreensão sagaz e imaginativa dos paradoxos da condição humana. O valor da razão humana, para eles, era o de permitir que se arrancasse uma conclusão de um sistema de paradoxos. Levava em conta o desejo humano pela simplicidade, amarrava o leitor em nós e depois mostrava como a fé cristã tanto explicava os nós quanto depois os resolvia. Sua obra atraía leitores de todo o espectro intelectual, desde os simples até os sofisticados.

Mas a própria apologetica racional altamente sofisticada se limita àqueles que conseguem entendê-la. Eu, por exemplo, não entendo por que o argumento cosmológico *kalam* funciona.³ Suspeito que, como eu, há uma multidão de pessoas inteligentes. Pesei o argumento, penso que o compreendo, mas continuo a perceber objeções que não penso terem sido respondidas. É claro, o problema bem pode ser minha falta de habilidade em entender o argumento, e não uma fraqueza do argumento em si. Em todo caso, o argumento *kalam* não funciona para mim.

Há outra limitação em muitos argumentos que os cristãos usam para provar a racionalidade da crença em Deus. O Deus que é “provado” é apenas um Deus transcendente e impessoal, talvez um Criador, mas não necessariamente pessoal. Apenas um Deus cuja existência seja importante para a compreensão e o desenvolvimento humanos vale a pena ser investigado. Os argumentos podem apoiar o deísmo como uma cosmovisão, mas nada falarem sobre a existência de um Deus plenamente bíblico. É claro, esses argumentos podem ser degraus para uma argumentação mais completa sobre o Deus da Bíblia. E isso não é pouca coisa.

Na verdade, alguns de meus próprios argumentos de tipo menos sofisticado levam primeiro à existência de uma transcendência vaga; sobre ela podem-se edificar argumentos adicionais. Então, dê um desconto à minha crítica sobre o argumento *kalam*. Devemos dar valor a argumentos

³O argumento *kalam* é uma versão do argumento de primeira causa para a realidade de Deus, desenvolvido por pensadores islâmicos; reivindica que o mundo deve ter um início e que Deus deve existir como a causa deste início. Veja William Lane Craig, *The Kalam Argument* (Nova York: Barnes e Noble Books, 1979); e J. P. Moreland e William Lane Craig, *Philosophical Foundations for a Christian Worldview* (Downers Grove: InterVarsity, 2003), p. 468-480.

em favor da existência de um Deus transcendente, mesmo se não for o Deus plenamente bíblico.

Há muitos argumentos sofisticados que eu realmente compreendo, não totalmente de qualquer maneira, mas bem o suficiente para ficar convencido de que eles apoiam uma cosmovisão cristã. Não estou reclamando da apologética racional como tal, mas sim daquilo que em geral parece ser assumido por muitos que a usam: a saber, que *ela é uma abordagem altamente efetiva que deve funcionar, mesmo quando não funciona*.⁴

No final da década de 1960 e na década de 1970, um novo tipo de apologética surgiu a partir das palestras e publicações de Francis Schaeffer. Em vez de argumentar a partir de princípios denominados como óbvios, ele começou reconhecendo o papel da cultura, especialmente da pintura e da literatura. Ele identificou as pressuposições – a fundamentação não declarada dos artefatos, valores e ideias da cultura – que eram assumidas ou promovidas pela literatura e pintura. Então mostrou como essas ideias falhavam em explicar a rica textura do ser humano e da vida humana, algo que, na década de 1970, ele ainda podia chamar de “a virilidade do homem”. Trabalhando a partir da Bíblia, por um lado, e da cultura, por outro, ele compreendeu a mentalidade da contracultura e demonstrou a profunda relevância da cultura ocidental para nossa compreensão de Deus. Schaeffer desejava mostrar que o Deus que realmente está lá não é nenhum dos deuses atuais – os construtos místicos da emoção e do desejo.

De certa maneira, Schaeffer, como Carl Henry, confiou na habilidade da mente humana de pensar racionalmente. Ele se justificou explicando a fundamentação bíblica para a razão humana: os seres humanos são feitos à imagem de Deus e, mesmo em seu estado caído, retêm a habilidade de raciocinar – não a partir do interior, mas a partir do exterior – a partir das Escrituras e da revelação divina na natureza. Ele insistiu que havia uma “verdade verdadeira”, mas moderou isso com a noção de que só é possível alguém conhecer parte dela, não toda ela. Sua apologética era do tipo racional purificado, uma versão de pressuposicionalismo que transpôs o lapso entre o racionalismo moderno e o nascimento e posterior desenvolvimento do pós-modernismo.

Trabalhando a partir dos existencialistas e para eles, C. Stephen Evans produziu em seu primeiro livro uma abordagem paralela à de Schaeffer.⁵

⁴ Momento de confissão! Essa suposição de que argumentos racionais devem convencer mesmo quando não funcionam é um tema que percorre toda minha contribuição a *Deepest Differences* (Downers Grove: InterVarsity, 2009), que eu escrevi com o cientista ateu Carl Peraino.

⁵ C. Stephen Evans, *Despair: A Moment or a Way of Life?* (Downers Grove: InterVarsity, 1971).

E Os Guinness expandiu a abordagem de Schaeffer com seu reconhecimento do valor do raciocínio nas categorias da Sociologia, assim como na Filosofia.⁶ Além disso, hoje há apologetas que assumem uma postura humilde quanto ao valor do argumento racional. Parte desse movimento pode ser visto, eu espero, nos livros que escrevi.

UMA CONFISSÃO BOA PARA MINHA ALMA

Agora permita-me passar ao meu lugar na história da apologética recente – uma mini autobiografia por meio da bibliografia.⁷ Eu a ofereço como uma retrospectiva – onde minha mente esteve, para o bem ou para o mal. Isso explica parcialmente porque estou finalmente disposto a dizer que tudo aponta para Deus. A noção pode ser eclética e excêntrica. Você decide. Use sua razão, o bom senso que Deus deu a todos nós. Ah! Mas faça-o gentilmente, por favor.

Meus primeiros livros se baseavam amplamente no racionalismo moderno; contudo, à medida que eu palestrava e escrevia, cheguei a perceber duas coisas: o crescente fracasso dos argumentos em levar estudantes e outros em direção à fé cristã e a possibilidade em ascensão de se fazer apologética atentando para o motivo pelo qual as pessoas hoje realmente se tornam cristãs.

Meu primeiro livro que sensibilizou os leitores foi *The Universe Next Door: A Worldview Catalog* (1976). Originou-se de 12 anos lecionando Literatura Universal, de Homero a Camus, e literatura inglesa, de Beowulf a Virginia Woolf. Aprendi a noção de cosmovisão de Donald Clark na University of Missouri, onde estudei e lecionei de 1958 a 1964. O livro resultante combina uma história das cosmovisões com uma série de ilustrações da vasta literatura do mundo. Usei a definição e a comparação de cosmovisões para mostrar a habilidade superior do cristianismo para explicar nossa experiência e, assim, ofereci uma apologética para a cosmovisão cristã.

⁶ Veja especialmente, de Os Guinness, *The Dust of Death* (Downers Grove: InterVarsity, 1973) e *The Gravedigger File* (Downers Grove: InterVarsity, 1983).

⁷ Omiti da seguinte autobiografia bibliográfica diversos livros que estão fora da categoria normal da apologética. Meu primeiro livro foi escrito junto com meu colega Robert Beum, quando ambos estávamos ensinando Inglês na Nebraska Wesleyan University. *Papers on Literature: Models and Methods* (1970) foi projetado como um texto para turmas iniciais de redação. *Jeremiah: Meet the 20th Century* (1975) é um guia de estudo bíblico para grupos pequenos. *Beginning with God* (1981) deriva das classes de profissão de fé em que lecionei por sete anos. Seu papel era apresentar o cristianismo básico; o papel do pastor, então, era o de apresentar a Igreja Presbiteriana. *Discipleship of the Mind* (1990) foi um comentário expandido sobre a cosmovisão cristã e sua relevância para a vida acadêmica.